

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CAMPUS JAGUARÃO**

**CÁTIA SIMONE MACHADO MORAES**

**REGIONALISMO PARA ALÉM DA REGIÃO**

**ALEGRETE**

**2022**

**CÁTIA SIMONE MACHADO MORAES**

**REGIONALISMO PARA ALÉM DA REGIÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras-Português EaD da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras-Português.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon

**ALEGRETE**

**2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M827r Moraes, Cátia Simone Machado  
O Regionalismo Para Além da Região / Cátia Simone Machado  
Moraes.  
23 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2022.  
"Orientação: Carlos Garcia Rizzon".

1. Regionalismo. 2. Literatura Comparada. 3. Análise de  
Letras de canções e Poemas. I. Título.

**CÁTIA SIMONE MACHADO MORAES**

**REGIONALISMO PARA ALÉM DA REGIÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português EaD, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 23 de fevereiro de 2022.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon  
Orientador  
(UNIPAMPA)

---

Prof. Dr. Luís Fernando da Rosa Marozo  
(UNIPAMPA)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marcela Wanglon Richter  
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **CARLOS GARCIA RIZZON, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 24/02/2022, às 14:16, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MARCELA WANGLON RICHTER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/02/2022, às 01:00, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUIS FERNANDO DA ROSA MAROZO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/03/2022, às 19:42, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0740964** e o código CRC **24A7BC5C**.

---

## **AGRADECIMENTOS**

Ao finalizar esse trabalho tão importante na minha trajetória, deixo aqui minha gratidão, primeiro a Deus, por me dar saúde e oportunidades.

Quero agradecer com carinho à minha Professora Dra. Camila Gonçalves que foi muito atenta e disponível em todos os momentos do trabalho.

Ao meu orientador Professor Dr. Carlos Garcia Rizzon que foi incansável e muito presente em todo processo de pesquisa e escrita.

Gratidão ao cantor e compositor Jairo Lambari Fernandes, por ser inspiração.

Aos compositores, Joaquim Velho e Luiz Carlos Ranoff, agradeço por serem sempre tão solícitos e terem apoiado muito a minha pesquisa com as histórias de suas composições.

Agradeço aos queridos amigos: Merlen Alves, Jainara Oliveira, Guilherme de Menezes, Graciele Serpa, Danusa Alves, Caroline Naymayer, Fábio Oliveira, Igor Duarte, João Carlos Garcia, Nelson Burd, Tiago Paixão e Duane Lima, que foram sempre incansáveis em me apoiar, em discutir ideias e acima de tudo por me mostrarem o quanto posso ser forte.

À minha família, meus irmãos, sobretudo Ana Machado, Luciana Machado, Eduardo Machado e Liziane Machado que estiveram sempre ao meu lado.

Minhas filhas, Isabela Moraes, Isadora Moraes e Marília Moraes por terem aguentado meu estresse e terem me apoiado.

Ao meu marido, professor Russel Vaz Moraes, por ter sido grande apoiador, estar sempre pronto para discutir ideias, corrigir minha escrita e me contar muitas histórias.

Agradeço também ao meu amado Professor Dr. Walker D. Pincerati por ter me apresentado o prazer da escrita e por ser grande apoio sempre.

Agradeço aos Professores que fizeram parte da minha banca Prof. Dr. Luís da Rosa Marozo e Professora Dra. Marcela Wanglon Richter meu grande exemplo na área da Literatura e na profissão docente.

E por fim, dedico esse trabalho e toda minha formação à minha grande amiga Noemi da Silva Fruck (in memoriam) que nunca me deixou desistir.

## REGIONALISMO PARA ALÉM DA REGIÃO

Cátia Simone Machado Moraes

**RESUMO:** Este trabalho, apoiado em referencial teórico que discute o conceito de Regionalismo na literatura (Miguel-Pereira; Sodré; Candido; Chiappini; Vallerius; entre outros), procura aprofundar análises sobre canções gauchescas, reconhecendo questões que, no cotejo com obras literárias de outros gêneros e temáticas, através de uma metodologia comparativista, difundem a sua universalidade. Desta forma, reconhece-se a significação de elementos regionalistas que afirmam sua valorização para situá-la como integrante de uma identidade cultural.

**Palavras-chave:** Canções gauchescas. Regionalismo. Universalidade.

**ABSTRACT:** This work, supported by a theoretical framework that discusses the concept of Regionalism in literature (Miguel-Pereira; Sodré; Candido; Chiappini; Vallerius; among others), seeks to deepen analyzes of gauchesque songs, recognizing issues that, in the comparison with literary works of others genres and themes, through a comparative methodology, spread their universality. In this way, the significance of regionalist elements is recognized that affirm its valorization in order to place it as part of a cultural identity.

**Keywords:** Gaucho songs. Regionalism. Universality.



A cultura de um povo se afirma através de elementos que constroem a sua identidade. Assim, a história, a gastronomia, o vestuário, a linguagem e muitos outros aspectos fazem parte dessa construção identitária. No caso do território sul-rio-grandense, as canções nativistas que enfocam o mundo gauchesco também oferecem questões que caracterizam culturalmente a região pampiana.

Nessa perspectiva do reconhecimento da contribuição das canções que evidenciam o protagonismo da gauchesca na arte, propomos aqui a análise de suas letras para explorar significações amplas e profundas. Para isso, será importante ter o entendimento do que seja o Regionalismo dentro da crítica literária, uma vez que, conforme diferentes teóricos, existem percepções variadas para esse conceito.

Outro aspecto a ser considerado para a leitura das composições nativistas é a abordagem possibilitada pela teoria da literatura comparada, já que a intenção neste artigo será aproximar as canções a poemas de autores diversos e que não são propriamente regionalistas. Com isso, destaca-se a conformação de diálogos entre o local e o universal.

### **Lugares do Regionalismo**

O conceito de Regionalismo, que o pensamento tradicional definiu pela presença de particularidades de uma determinada região através de elementos, muitas vezes, estereotipados, pode ser assimilado por uma perspectiva mais ampla,

voltado a sua universalidade. Esse movimento de contraste entre visões é abordado pela crítica literária contemporânea:

O conceito de regionalismo tem tomado diferentes concepções conforme épocas e intelectuais que o analisam. Há críticos que estabelecem oposições através de um binarismo hierárquico, tratando as obras de cunho regional como uma literatura menor; enquanto outros reconhecem ser natural existir discrepâncias entre a norma culta e a linguagem popular, o que possibilita que a ocorrência de falares regionais mostre questões importantes para a revelação de traços culturais de algum lugar. (RIZZON, 2011, p. 1048-1049).

Portanto, conforme destaca o professor Carlos Rizzon, a ideia do Regionalismo como representação de uma literatura menor, como já foi apontado por alguns críticos, não se sustenta, pois existem obras de grande relevância dentro do enfoque regionalista.

Tradicionalmente, o Regionalismo é compreendido por caracterizações definidas como "cores locais", como descrição de uma paisagem e uso de uma linguagem local. Também é apontado como limitado a um território específico, ambientado no mundo rural.

Por essas questões, muitas vezes, as obras regionalistas são definidas como de uma literatura de qualidade inferior. Lucia Miguel Pereira, por exemplo, em *Prosa de ficção* (de 1870 a 1920), livro publicado em 1950, descarta relações que possam ser estabelecidas a outros temas. A autora, destacando um caráter restritivo do Regionalismo, diz:

Para estudar, pois, o regionalismo, é mister delimitar-lhe o alcance: só lhe pertencem de pleno direito as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora. (MIGUEL PEREIRA, 1988, p. 175).

Assim como Miguel Pereira, Nelson Werneck Sodré, em *História da literatura brasileira*, obra publicada na década de 1960, reafirma a limitação do Regionalismo a um espaço geográfico:

[...] quase sempre com uma obediência levada ao extremo, com servilismo mesmo, foi a fascinação pelo meio geográfico. Domina-o, todo ou quase todo, um geografismo por vezes delirante, um apego profundo ao pitoresco, que esteve também presente no sertanismo e que dele proveio. A natureza absorve, na ficção regionalista, o papel do homem e este vive em função dela, esmagado pela sua impotência. (SODRÉ, 1976, p. 406).

Em linha de pensamento que não chega a contestar as visões apresentadas pelos seus antecessores, Alfredo Bosi, em seu livro *História concisa da literatura brasileira*, do ano de 1970, coloca o Regionalismo como uma sequência do

Sertanismo romântico para o Naturalismo. Segundo ele, o “[...] projeto explícito dos regionalistas era a fidelidade ao meio a descrever: no que aprofundavam a linha realista estendendo-a para a compreensão de ambientes rurais virgens para a nossa ficção.” (BOSI, 1994, p. 208).

Já sob a perspectiva sociológica apontada por Antonio Candido no texto “Literatura e subdesenvolvimento”, presente no livro *A educação pela noite e outros ensaios*, de 1989, o conceito de Regionalismo sofreu, durante o século XX, uma mudança que se estendeu a toda a América Latina, alteração essa que aconteceu no Brasil entre os anos de 1930 e 1940, pois o enfoque regionalista tomou um posicionamento crítico, deixando de acentuar o exótico e o exuberante da natureza virgem, como faziam os românticos do século XIX, para revelar as misérias da população, as carências sociais, correspondendo “[...] à consciência dilacerada do subdesenvolvimento e operando uma explosão do tipo de naturalismo que se baseia na referência a uma visão empírica do mundo” (CANDIDO, 2000, p. 162). Essa compreensão de um sistema literário em formação ainda considerava a produção regionalista com alcance limitado, pois, ao reconhecer obras de grande importância, Candido preferiu denominá-las como “super-regionalistas”, que seria, no seu entender, o caso de *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, por exemplo.

Diferente do que pensadores do século XX vinham determinando com relação ao Regionalismo, a crítica literária contemporânea, como as das autoras Lígia Chiappini e Denise Mallmann Vallerius, trata desse conceito em adesão a uma universalidade, revitalizando sua compreensão por meio de contribuições estéticas contemporâneas, mas sem deixar de considerar, também, uma larga tradição cultural. Para elas, o Regionalismo existiria “[...] como padrão cultural 'compensatório' frente às transformações sociais, políticas, econômicas e culturais” (VALLERIUS, 2010, p. 204) desde o século XIX até os dias de hoje. Ou seja, “[...] a história do regionalismo mostra que ele sempre surgiu e se desenvolveu em conflito com a modernização, a industrialização e a urbanização”. (CHIAPPINI, 1995, p. 155). Por esse entendimento, ele existiria desde o início da literatura brasileira e estaria presente ainda nos dias de hoje, contrariando a ideia de uma linha evolutiva no desenvolvimento da nossa literatura nacional.

Outro aspecto atual sobre o Regionalismo é o que coloca a professora Léa Masina (s/d) ao falar sobre o mapeamento da paisagem, que já não deve mais ser

percebido, simbolicamente, pela demarcação política do território, mas, sim, pela noção de pertencimento reconhecida por diferentes culturas, conformando um espaço poroso definido não por uma delimitação física, mas pelo seu caráter de mobilidade, que, ao mesmo tempo, estende e retrai fronteiras. Nesse sentido, será possível conceber o espaço literário do pampa em diálogo com outros lugares que, mesmo que estes exerçam suas estéticas e temáticas próprias, se referem a dramas, conflitos, sonhos e sensibilidades que encontram aproximações às reflexões desprendidas do contexto regional pampiano.

### **Literatura comparada na leitura do regional**

Os diálogos possíveis entre as canções nativistas da região pampiana com obras literárias de outros autores, ainda que não necessariamente desse mesmo contexto cultural gauchesco, se dão pelo imbricamento proporcionado pela comparação, reconhecendo aproximações e diferenças que contribuirão para significações mais abrangentes.

Conforme destaca Tania Franco Carvalhal, “[...] a obra não pode mais ser vista como algo acabado a deslocar-se intocável no tempo e no espaço, mas como um objeto mutável por efeito das leituras que a transformam.” (1999, p. 70). Isso quer dizer que os leitores, por meio das relações que estabelecem entre um texto e outro, produzem interpretações que podem transcender as intenções do próprio autor da obra. Esse aspecto pode ser entendido como um caráter de produtividade do texto, resultante da noção de sua intertextualidade, pois, como definiu Julia Kristeva, “[...] todo texto é absorção e transformação de outro texto [...] e a linguagem poética se lê, pelo menos, como dupla.” (*apud* CARVALHAL, 1999, p. 50). Assim, a intertextualidade designa “[...] o trabalho de transformação e assimilação de vários textos [...]” (LAURENT JENNY *apud* CARVALHAL, 1999, p. 51), como adverte pensador francês.

Porém, na análise comparatista, não basta apenas reconhecer e resgatar presenças e inter-relações com outros textos, pois, para enriquecer reflexões, é preciso buscar interpretações, ou seja, apontar a multiplicidade de significações que os elementos literários de um texto absorvem e se alimentam de outro.

Desse modo, “Para a literatura comparada, a recepção de uma obra não é um objeto de análise isolado, um fim em si mesma, mas seu estudo é uma etapa das relações interliterárias genéticas (nascidas dos contatos, diretos ou não)”

(CARVALHAL, 1999, p. 71). Além disso, o diálogo que o leitor estabelece entre os textos rompe com a ideia hierárquica e com noções de dívidas de uma obra sobre a outra, pois é a receptividade leitora que constrói as relações textuais. Assim, as aproximações e distanciamentos entre as produções literárias se realizam em caminhos de mão dupla, ou seja, no caso das canções gauchescas cotejadas a poemas de diferentes autores, por exemplo, as interpretações entre uns e outros textos contribuem para o enriquecimento das significações possíveis de serem reveladas por esses mesmos textos.

Portanto, realizar o cotejo de canções regionalistas do pampa com poemas de outras vertentes culturais produzidos neste ou em outros territórios trará a manifestação de aspectos identitários locais enriquecidos pelas contribuições de outras culturas, o que pode demonstrar faces extremamente importantes da estética gauchesca, ampliando a percepção do caráter humano e social presente nas letras de compositores que enfocam o mundo gauchesco. Dessa forma, é possível reconhecer que os elementos regionalistas das canções conferem uma configuração própria de uma cultura local, mas, ao mesmo tempo, difundem questionamentos universais.

### **Canções regionais no seu universo**

"Caminho Agreste", canção escrita por Joaquim Velho, compositor nativista natural de Uruguaiana, traz como temática a história de um peregrino – personagem com o qual o autor, como já nos relatou, se identifica – que leva a vida pela estrada como caminhante. No decorrer do texto, relata um pouco de suas experiências. A inspiração desse tema, também conforme informado pelo autor, veio do seu próprio andar; afinal, ele percorre estradas levando sua música a todos. Sua vida é movida pelo eterno movimento, o que se traduz na canção como:

por peregrino tenho a ânsia de estradear,  
caminhos largos, esperanças a lo léu...

Carrega consigo a esperança em dias melhores e é movido por uma fé que lhe conduz no seu seguir. Mesmo passando dificuldades nesse "andejar", segue firme, sabendo que há um Deus que nunca o abandona, fé que deixa explícita nos versos:

por vezes faltou-me chão,  
mas nunca faltou-me céu.

É possível encontrar relações do eu-lírico da canção de Joaquim Velho com o eu-lírico de "Caminante, no hay camino", do espanhol Antonio Machado, poeta da denominada *Generación del 98*. Neste poema, que também relata um destino de andante, a vida se constrói em um caminho afora, como retrata o trecho:

Caminante, no hay camino,  
se hace camino al andar.

Com seus versos, procura abrir caminhos; não busca a glória, nem seu nome na história, apenas segue sua sina de caminhante por sendas áridas. O eu-lírico de "Caminho agreste" também não tem grandes ambições e é feliz com a simplicidade que há em sua estrada, já que consegue crer nas coisas simples que vê na natureza ao seu redor.

No poema de Antonio Machado, também há o destaque para essa beleza mais telúrica, uma vez que cita o mar (o equóreo), as estrelas (o etéreo) e até os espinhos que haviam antes de ele abrir caminhos. Há também, nos dois textos, o céu destacado nas imagens, porém com significados diferentes: enquanto, para Joaquim Velho, o céu representa toda sua fé, para o poeta espanhol o céu é apenas mais um dos elementos que compõem a paisagem:

Yo amo los mundos sutiles  
ingrávidos y gentiles  
como pompas de jabón.  
Me gusta verlos pintarse  
de sol y grana volar  
bajo el cielo azul temblar.

Há, entre as duas produções, uma percepção diferente da fé: enquanto Joaquim Velho, em toda a composição, faz questão de demonstrar gratidão a um Deus que o guia e protege, no seu poema, Antonio Machado fala que, se as perdas já aconteceram – “murió el poeta lejos del hogar” –, orações não acabarão com o sofrimento. Assim, caberá assimilar as dores e seguir em frente, sem desmorecer seus objetivos e ideais:

Caminante no hay camino,  
se hace camino al andar  
golpe a golpe, verso a verso  
[...]  
cuando de nada nos sirve rezar

Portanto, o poeta precisa seguir seu caminho, fazer a sua parte. Acrescenta-se a isso a representação de fé do campeiro sulista, que, neste pampa que se alonga a perder de vista, encontra apego nas suas crenças, em companhia, ainda que metafísica, para suprir muitas vezes a ausência da família, quando não, em

raras vezes, a inexistência de uma. O gaúcho está só, no campo largo, sobre o qual luzem estrelas, que, a ele, lá estão devido a intervenção de um "ser supremo", que o conduz, protegendo-o das asperezas de sua lida e vida rude. Este mesmo gaúcho, indômito mas devoto, pouco quer da vida, não quer lucro, não tem pretensões que vão além de reles melhorias pessoais. Nesta simplicidade, alinhavada na pureza e ingenuidade, o gaúcho dedica sua vida ao que consegue alcançar, seja no "lombo de seu flete" ou, dispensado de sua azáfama, lança-se a pé, migrando às cidades onde seus conhecimentos práticos, de sujeito rústico, têm pouca valia. Contudo, este campeiro é um sujeito feliz, livre e liberto do hermetismo dos povoados ou centros urbanos.

Velho e Machado convergem para este princípio: o andante não tem passaporte. O mundo, salvaguardando-se os limites que definem territórios, é um espaço amplo e propenso à liberdade, ao ir ou voltar. Cada passo é uma conquista, como letras em um livro. Sair e não ficar. Se há raízes, há de mantê-las na mente, com calos nos pés, pois estes devem ser as bases para a construção do futuro.

\*\*\*

Soturno, lúgubre, lutuoso, o eu-lírico da canção "Flor madrugueira" está ilhado em meio ao verde, a esta imensidão pastoril que ora alegra, ora oprime; que ora, quando sopra o minuano, alenta, anima e estimula, mas ora asfixia, sufoca por metafísica presença, situação pela qual faz sentir a impossibilidade de sequer um grito alcançar a mulher amada, a qual se alude por meio da prática de sorver o mate, "o amargo" com que se alenta os segundos eternos de saudade, melancólica sensação minimizada pela parceria deste, que é quase um instrumento identitário da vida sulina. Assim, Jairo Lambari Fernandes, músico e compositor nascido na cidade gaúcha de Cacequi, fala em sua canção da dor da ausência da mulher amada. É amarga a dor, um azedume n'alma: "Vem sorver meus desenganos num mate pra minha amada". Assim, *linca* a sensação que se dá à medida que, ruminando ausência, contemplando as lonjuras, sorve-se o amargo sabor derivado de *illex paraguariensis* no qual se ameniza, ante o ato, a dor da solidão. Já o poeta português Luís Vaz de Camões, que viveu no século XVI, em seu poema "Alma minha gentil, que te partiste", falando da mesma temática, que é a morte e a saudade, relata em seus versos a dor que sente com essa ausência:

E se vires que pode merecer-te

Alguma cousa a dor que me ficou

Tamanho sofrimento faz com que o poeta deseje que a vida acabe logo para que possa reencontrar a amada:

Roga a Deus, que teus anos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
Quão cedo de meus olhos te levou.

Este distanciamento, esse vazio no peito, faz com que o eu-lírico se apegue a toda fé que tem, na vida que segue em outro lugar e que sua amada possa ouvir suas preces. Já para o personagem da canção, sua amada se faz presente nas madrugadas, quando toma seu mate “e a luz que vem lá do céu e traz envolta num véu” a mulher que perdeu. O espaçamento é bucólico, repleto de elementos constitutivos que, ao menos, alentam-lhe, como rio, flor, galpão (que é lugar sagrado ao homem das lidas campeiras). Esse hábitat é o espaço da paz e da tranquilidade, onde o sofrer é ambientado, como faziam os árcades, para os quais o campo, a relva, apaziguava as dores advindas da ausência da musa inspiradora. As lembranças dos olhos da amada "Trazem a paz que mereço por amar quem já partiu": a dor da partida, o eufemismo para a morte, tema austero, mas que, liricamente, abrandam-se na medida em que Lambari faz o eu-poético amenizar "a perda", percebendo o etéreo, a religiosidade, tal qual um bálsamo:

Mais que um pedaço de si  
Me ajoelho pensando em ti  
Numa prece frente à cruz.

O eu-lírico se conforta diante da fé, da crença em uma força maior que acompanha e guia o pampiano; todavia, confessa ter sido subtraído de importante presença, referindo-se às pessoas que perdem seus entes como pessoas que

plantam no campo santo  
mais que um pedaço de si.

Camões consegue tornar essa dor quase palpável, fazendo com que nos identifiquemos com seu sofrer:

Repousa lá no Céu eternamente  
E viva eu cá na terra sempre triste.

Para Lambari, a amada se faz presente em seus devaneios:

E neste sonho acordado te sinto flor madrugueira  
Abrindo as minhas porteiras pra afogar a solidão.

No entanto, para Camões, ela está num céu inatingível:

Se lá no assento etéreo, onde subiste,  
Memória desta vida se consente,



Não te esqueças daquele amor ardente  
Que já nos olhos meus tão puro viste.

A solidão presente nos textos é ato irrevogável, é um grito perene que, mesmo estridente, jamais dará vazão à dor asfixiada no peito, até porque, "pra dor de um só coração", um outro grito, de apaziguamento, jamais será ouvido.

Em "Flor madrugueira", o eu-lírico fala da saudade que sente de um amor que já partiu. Conta que, nas madrugadas, sua amada vem matear com ele no galpão e traz em seu coração a esperança de um dia reencontrá-la.

Em "Alma minha gentil, que te partiste", a voz do poema de Luís Vaz de Camões lamenta a morte de sua amada e relata toda dor que lhe causou a partida de sua musa. Assim como na canção, espera que o reencontro aconteça em breve e que sua amada recorde de todo amor que lhe devotou enquanto ela esteve aqui.

Ambos personagens clamam a Deus para aliviar suas dores. No poema de Camões, temos:

Roga a Deus, que teus anos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
Quão cedo de meus olhos te levou.

E, na canção de Lambari, encontramos:

Que Deus te dê paz e luz  
e acalme um pouco meu pranto.

Comparar Lambari com Camões encanta e emociona, pois, ao mesmo tempo em que constatamos culturas e contextos tão díspares, é possível reconhecer a presença de percepções próximas com relação à ausência de uma pessoa amada.

\*\*\*

O homem do campo, não obstante muitas vezes sua abnegação, a caminho de sua lida, está constantemente a rever tudo o que vivera, tudo quanto deixara, adormecido, no passado. Também remonta às inquietações, aos erros, aos desacertos, sempre numa análise pessoal, visto que a vida pampiana é o viver isolado, distanciamento do povo, das gentes. Esse é o rústico viver de quem enxerga, na imensidão de verde entrecortado pelo marrom da terra, o monocromático de seus problemas.

A vida, para o eu-lírico da canção "Reparando cercas", de Miguel Marques, compositor nascido em Soledade-RS, esteve prestes a findar-se, mas o "reparar de cercas", além da pragmática lida cotidiana, reporta à reconstrução de tudo aquilo

que fora deixado para trás, os sentimentos aturdidos pela inconstância dos desatinos ou do que está sob o retovo pueril, aquilo que adormece, mas que jamais fenece. Seu sonho, idílico, é eterno, mesmo que soterrado na inércia das contrariedades.

O eu-lírico dessa canção, logo, está "sem norte", o que não implica, necessariamente, estar sem rumo. Ele sabe o caminho a seguir: dele, está apenas afastado e quer "reparar" os danos deste distanciamento, das "cercas" que ora o limitam e ora o desafiam a transpô-las. O personagem da canção reporta a sua meninice, onde os sonhos eram tantos:

me encontrei menino,  
cheio de retovo  
e fui sonhar de novo  
que esse é o meu destino.

Os desejos de criança também são mencionados nas crenças infantis expostas no soneto "Anoitecer", da portuguesa Florbela Espanca, onde a voz do eu-lírico, no anoitecer de sua história, revive sua existência:

E eu, que não creio em nada, sou mais crente  
Do que em menina, um dia, o fui... outrora  
[...]  
E a esta hora tudo em mim revive:  
Saudades de saudades que não tenho...  
Sonhos que são os sonhos dos que eu tive...

No verso "Quero os meus abraços de abraçar lonjuras" de "Reparando cercas", vê-se o desejo de partir e buscar-se a si, talvez um novo mundo, um novo universo, ainda que cercado em um minifúndio. O universo, na concepção do rústico ser que habita as campanhas do sul do Brasil, é, muitas vezes, o que sua visão alcança. Assim, o eu-lírico almeja sua empreitada rumo à retomada da esperança, uma vez que "a morte ronda as desesperanças". Para vencer seu inimigo íntimo, ele sai em busca da concretude, dá adeus à ilusão e às barreiras mentais que o enraízam na infelicidade. Quer as rédeas de sua existência, de uma vez por todas, em suas mãos; e poder conduzir seu destino ao invés de ser levado por ele:

Eu não quero a vida feita de lembranças,  
quero viver tudo o que deixei pra trás.

Em "Anoitecer", o andar parece ter chegado ao fim, pois já não há tempo para novas realizações. No entanto, tem-se consciência do caminho feito e de tudo o que se viveu e do mundo que se construiu, dos sentimentos que existiram e que permanecerão, pois, diz a personagem:

Tenho bênçãos d'amor pra toda a gente!

Em “Reparando cercas”, Miguel Marques retrata o trabalhador rural que, em meio às lidas, se pega pensando na sua infância carregada de sonhos, sonhos esses que foram se perdendo pelo caminho, porém, ao ver-se menino, ele resolve, então, buscar a realização do que sempre sonhou. Enquanto repara as cercas, reconstrói dentro de si o desejo de viver o que deixou para trás, pois, para ele, ainda há tempo.

A poeta Florbela Espanca, por sua vez, em “Anoitecer”, ao abordar o final da vida, recorda saudosa o que um dia fora, os anseios que outrora teve. Sente saudades, porém, percebe que já não há tempo para realizar seus sonhos:

Como eu sou pequenina e tão dolente  
No amargo infinito desta hora.

Florbela tinha a alma no nome. É uma espécie de fratura exposta em sua essência, fato que exterioriza(va) a cada verso. Numa época em que só os homens se notabilizavam por suas criações literárias, a poeta vem a público com seus sonetos (e outros poemas) de teor extremado num período – início de século XX – no qual Portugal voltava suas atenções literárias a gênios da escrita, como Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. As reflexões de Florbela, logicamente, voltam-se para si, introspectiva, mas capaz de expor as mais doridas e aziagas sensações, como a de abandono, a da indiferença, a traição, o amor não correspondido. Sim, Florbela só queria amar; se a esse ou àquele, ou a toda gente, o eu-lírico era passional e a poeta parecia, como ninguém, dizer-se sofrida o sendo, o que era quase como uma autoflagelação. De sofrer de amor, Florbela se revela, como neste poema, uma mulher pouco perspéctica, submissa aos desvarios do amor, que lhe estraçalha os desejos mais pueris. Mas, nota-se, ainda lhe há ânimo: famélica, Florbela reconhece a dor instantânea; contudo, acerca de dores futuras, pouco sabe – apenas as imagina, melancólica. Em seu calvário infindo, não se coaduna à sociedade, nem mesmo insinua qualquer tentativa de opor-se à jornada sofrida, de mulher que, hiperbólica, ama, quase que jogada aos pés daquele ser que foi capaz de lhe arrebatat o coração.

Ao comparar os dois textos, encontramos semelhanças e oposições no trato do saudosismo. No texto de Miguel Marques, a saudade aparece de forma leve e carregada de esperança; já Florbela, que não experimentou muitas alegrias, nem

sequer viveu muito, enfoca o mesmo tema de forma mais pesada, pois seu tempo acabou, aceita que o fim está próximo e se entrega, restando apenas as reminiscências, saudades e sonhos do passado reconfigurados na hora da morte.

A autora reduziu sua jornada às paixões, as mais conturbadas e enlouquecedoras possíveis. Sonhou e flertou, senão o impossível, com o improvável. Idealizou e, posto que o amor é chama, conseguiu cunhar traços ultrarromânticos em sua poética, no prelúdio modernista, quando falar de amor já era algo piegas. A poeta conseguiu, diante desse cenário que lhe confrontava a escrita, agigantar-se, sendo lida até os dias atuais como alguém que soube expor a alma, deixando o sofrer estampado a quem quiser segurar sua pena (qual mão amiga) e, junto da mulher, da poeta, da escritora amarguradamente bela, sonhar sonhos alheios como se fossem os seus, sentir dores de outrem como se fossem aquelas recônditas no peito.

Na letra de Miguel Marques, mesmo cheio de sonhos e esperanças, existe a preocupação com o fim da vida, que fica explícito nos versos:

Ritmando os passos do que percorri  
E aos meus amigos, as lembranças boas  
De que fui feliz quando estive aqui.

Tal como no soneto “Anoitecer”, também em “Reparando cercas” encontramos o repassar da vida. Porém, o eu-lírico da canção, mesmo que não alcance seus sonhos, mantém a expectativa de suas realizações, uma vez que, como ele diz, “Fui sonhar de novo, que esse é meu destino”.

Reconhecer muito de um texto no outro vai da sensibilidade e dos conhecimentos de quem os lê. Esses aspectos são o que viabilizam encontrar emoções e angústias semelhantes em versos escritos por um artista gauchesco e uma poeta portuguesa, autores de épocas e lugares diferentes.

\*\*\*

“Sabe moço”, canção escrita pelo gaúcho Francisco Alves, expõe mazelas de um combatente em revoluções, pugnas tão frequentes no Rio Grande do Sul durante todo o século XIX até as primeiras décadas do século passado. Sua letra retrata a valentia de quem lutou na defesa de seus ideais. Assim, o eu-lírico narra:

Tive um lenço no pescoço  
que foi bandeira pra mim

Nesses versos, é possível compreender sua identificação a uma crença política, representada na cor do lenço – se branco, seria chimango; se vermelho, estaria relacionado aos maragatos –, e sua disposição em arriscar a própria vida por um partido ou um caudilho.

Nesse tempo de conflitos, sempre demonstrou coragem e nunca abandonou seus companheiros:

Andei em mil peleias  
em lutas brutas e feias  
desde o começo até o fim

Constata-se, portanto, que sua atuação foi de quem fez a história, persistindo na construção de uma sociedade em que acreditava. Isso exigiu o seu sacrifício, pois, para andar “nos quatro cantos” do estado, como declara, “sempre seguindo um clarim”, obrigatoriamente teve que deixar sua casa e sua família para participar das guerras. Porém, essa dedicação não implicou em reconhecimento, mesmo sendo protagonista das batalhas em que esteve. Conforme já apontou Josefina Ludmer, o gaúcho, como sujeito representativo de um segmento da sociedade – inclusive, muitas vezes, marginalizado –, teve seu corpo explorado militarmente em revoluções. Em outras palavras, podemos traduzir essa reflexão da pesquisadora argentina na expressão popular “bucha de canhão”, ou seja, nas guerras, o gaúcho foi essencial para as linhas de frente, mas, em tempos de paz, poderia ser descartado socialmente.

A forma com que o eu-lírico de “Sabe moço” se dedicou nas batalhas em que fez parte também é possível encontrar em “O operário em construção”, uma vez que o trabalhador do poema de Vinícius de Moraes se orgulhava de erguer casas “onde antes só havia chão” e percebia que eram de suas mãos que elas surgiam. Portanto, ambos sujeitos se identificam em uma “grande missão”, pois, enquanto um se entrega às guerras, o outro doa o seu suor empilhando tijolos. Ao mesmo tempo, o que imaginavam “sendo a sua liberdade, era a sua escravidão”, já que, pelos seus serviços, ganham cicatrizes e desconsideração.

A relação de “Sabe moço” com “O operário em construção” se estabelece pelo papel de grande importância para a sociedade que os protagonistas se conscientizam. Enquanto ambos estão iludidos com suas posições, eles aceitam que sua sina é servir aos patrões. O eu-lírico de “Sabe moço” tem sua parcela na

história, pois foi ele quem esteve à frente nas batalhas, mas, no final, quem levou as honrarias foi o estancieiro, o caudilho, o patrão que o subjugava.

Já o operário do poeta carioca vivia dia após dia construindo casas e apartamentos que jamais seriam seus, afinal, vivendo em meio à pobreza, se contentava com o pouco que recebia em troca de seu trabalho. E assim era desde sempre, pessoas como ele viviam para isso, aceitavam seu destino.

No momento em que os personagens começam a tomar consciência de seu verdadeiro valor, já não mais aceitam a condição de estar à margem da história, de servirem de massa de manobra, afinal, se descobrem protagonistas, uma vez que sem seu trabalho árduo não há nada, nem medalhas, nem construções. Suas mãos calejadas e suas cicatrizes se tornam motivo de orgulho, se tornam marcas de sua luta. E ao estarem cientes disso, ambos se revoltam pelo tempo em que estiveram "cegos" e viviam sob o jugo dos mais abastados.

A temática social de "Sabe moço" fica muito visível e se alinha ao pensamento de seu intérprete mais renomado, Leopoldo Rassier, que integrou o Partido Comunista. Assim, também em perspectiva ideológica, é possível estabelecer contatos entre as questões abordadas nos textos de Francisco Alves e de Vinícius de Moraes.

\*\*\*

Ao comparar a canção "Estiagem", de Luiz Carlos Ranoff, artista natural da cidade de Rodeio Bonito-RS, com o poema "Duas Almas", do poeta também gaúcho Alceu Wamosy, encontramos muitas semelhanças. Mesmo separados por um século (o poema do poeta de Uruguaiana é do início do século XX, e a canção fez parte do festival *Carijo da Canção Gaúcha*, realizado em Palmeira das Missões, em 2011), os dois textos falam do amor com a mesma intensidade, uma vez que o lirismo se faz presente tanto na letra da canção quanto no poema.

A personagem feminina é quem vem de longe: na canção, ela se abriga da chuva forte, enquanto, no poema, ela chega para se proteger da neve e da noite fria. Assim começa a história de dois corações solitários que se encontram em meio a intempéries, se entregam à paixão ardente, suprimindo momentaneamente suas carências. Porém, quando o dia amanhece, a mulher segue sua sina de andante, deixando para trás um coração apaixonado, que fica na expectativa do reencontro.

O autor da canção, Ranoff, em conversa que tivemos, conta que, ao escrever “Estiagem”, não tinha conhecimento do poema. Sua inspiração veio de uma cena que acompanhou de sua varanda enquanto mateava *solito*: “chovia forte e uma moça muito linda caminhava sob a chuva com as vestes molhadas”, diz o autor. Assim surgiu a letra da canção que, segundo ele, não levou meia hora para escrever. Transformou um momento cotidiano em poesia pura:

A chuva chegava até a calçada  
Você quase molhada pediu pra entrar...

Imagem parecida encontramos em “Duas almas”, onde revela-se o desejo do encontro:

Entra, e, sob este teto encontrarás carinho:  
Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho,

Para o leitor, fica aquela inquietação: como podem os textos serem tão semelhantes se nenhum se inspirou no outro? O lirismo é o ponto alto dos textos, e as circunstâncias em que a paixão acontece são muito similares. A diferença é que, na letra da canção, o eu-lírico guarda a esperança de um reencontro, na ansiedade de que sua amada volte, talvez, em outra noite de chuva:

Passou a chuva, veio o sol  
mas não secou a minha alma encharcada de esperança.  
Espero a chuva, feito um rio,  
meu peito é campo bem estio

Já no poema, o personagem se mostra conformado, pois aceita o fato de que aquela noite foi algo que, mesmo que lindo, foi momentâneo e ficará retido apenas na lembrança de ambos:

já não serei tão só, nem irás tão sozinha:  
Há de ficar comigo uma saudade tua...  
Hás de levar contigo uma saudade minha...

O bucolismo sugere a solidão. A poesia, a partir daí, encontra terreno fértil para sua ambientação. Um pano de fundo, um papel de parede. A natureza, para ambos os autores, não entristece. Traz lembranças, pois foi lá – naquele pacato universo – onde tudo ocorreu. O campo, inerte, não é mar nem pedra. A região do bioma pampa assusta por sua grandeza e, não raro, por sua monotonia: um só tom, um acorde triste num dedilhado guitarrero desprezioso. Até porque "pra falar de campo não requer gritar", é preciso, pois, ouvir seus sons, sentir o que "faz gemer a terra", como já instigou Charles Kiefer. Se se ama mais ante a solidão destes

descampados, se se sofre mais, se as cismas são mais agudas, os poetas não mensuram. Quase, então, um murmúrio: "de saudade o teu nome sussurrei", declara o amante da canção de Ranoff, posto que a vacuidade inibe o exacerbado grito dos que amam. O campo é o longe, é a vaziez. E o "Ó tu, que vens de longe", criado por Wamosy, reporta a distância adormecida na espera daquela "alma" que um dia, quiçá, adentre a porteira, abrindo as cancelas de um coração inerte, mas ávido.

Encontrar abrigo era a busca das personagens femininas. Na canção, "pediu pra entrar"; no poema, é convidada com um "entra". O homem do pampa, em seu isolamento, tem pouco a dar. À amada, pode oferecer o aconchego de um mate:

Tomou um mate  
Descontraída falou da vida  
Até a chuva passar

Ou pode sugerir o quarto quente de sua simples morada, qual fosse um palácio onde lá estariam todas as regalias de quem se hospeda em busca de afeto, um acalanto, tão somente isso: "a minha alcova tem a tepidez de um ninho".

A partida, no dia seguinte, revela, nos versos de Wamosy, que "as curvas do caminho" são muitas na vida de um(a) errante; mas também, aponta a canção, são "curvas da lembrança" para quem fica. O corpo parte. O sentimento é que se enraíza. A saudade há de ficar, perene, lembrada num "assobio", num dedilhar ao vivo ou, somente, numa cisma, o ruminar dos que se apegam.

## **Conclusão**

O regionalismo, calcado no cotidiano do homem do campo, é terra fértil às veleidades literárias, em prosa e em verso. Com seus poemas, nomes como os de Aparício Silva Rillo e Jaime Caetano Braun, por exemplo, se projetam à imensidão de suas obras tanto quanto o verde que impera nas paisagens pampianas. Poetas como eles fazem parte de uma tradição literária construída desde os começos da literatura brasileira, seja com os romances de Caldre e Fião, na metade do século XIX, ou com a produção dos escritores do Partenon Literário – Apolinário Porto Alegre é um deles – nas últimas décadas oitocentistas. Posteriormente, no decorrer do século passado, à medida que autores como Alcides Maya, Darcy Azambuja, Pedro Wayne, Aureliano de Figueiredo Pinto, Cyro Martins e Luiz Carlos Barbosa Lessa, entre outros, apresentam um caráter social na representação do gaúcho,



dissociando-o de um heroísmo utópico, a gauchesca passa a decantar outras perspectivas na identidade literária no regionalismo pampiano.

Junto a essa literatura escrita em prosa e verso, também as canções nativistas participam no processo da criação ficcional e da figuração do gaúcho, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, com gravações de discos (primeiro LPs e depois CDs) e da consagração de festivais, como a *Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana*, evento que teve início em 1971. Nesse conjunto de fatos, sejam eles a narrativa, a poesia ou a canção, é estabelecida uma identidade construída no interior de uma cultura, dentro de um espaço local.

Porém, a ênfase do lugar na afirmação da gauchesca não necessariamente se restringe a um localismo, tal como a crítica literária do século XX situou as obras regionalistas, limitando o seu alcance. Conforme as temáticas e as percepções de mundo apontadas pelos autores e pelos compositores nas suas representações do gaúcho, o leitor dos textos pode entender que os conflitos, sentimentos e ponderações desse personagem literário são universais, independente de suas caracterizações descritivas e de sua linguagem.

Nessa perspectiva, buscamos reconhecer nas canções nativistas elementos que também podem ser encontrados em textos que não fazem parte do regionalismo gauchesco. Assim, a composição de Joaquim Velho denominada “Caminho agreste” encontra relações com o poema “Caminante, no hay camino”, de Antonio Machado. Nesses textos, enfatiza-se que o viver se faz por meio de andanças, ou seja, enquanto na canção temos “Nunca fui preso ao chão”, o poeta espanhol afirma que “lo nuestro es pasar”, de forma que ambos personagens dos textos se norteiam pela liberdade: livres tal “pandorga ao vento” e “como pompas de jabón”.

A canção “Flor madrugueira”, de Jairo Lambari Fernandes, ganha outras dimensões quando lida junto ao poema “Alma minha gentil, que te partiste”, de Luís Vaz de Camões. A solidão enfrentada com a morte da amada deixa de ser um sofrimento exclusivo às “Noites grandes e campos largos” presentes nos versos do compositor gaúcho, pois encontra equivalências com a “mágoa, sem remédio” de que fala o poeta português.

“Reparando cercas” enfatiza a busca por sonhos acalentados desde a infância, mas adormecidos na vida adulta. Diante disso, ao repensar a vida, o

personagem propõe-se a reparar sua trajetória e realizar seus desejos de menino. Tal reflexão sobre a existência também está presente no poema “Anoitecer”, da Florbela Espanca, que aborda a proximidade da morte e que, no reviver o passado, destaca a importância dos sonhos de outrora. Dessa forma, a leitura do texto da poeta portuguesa possibilita ressaltar a atitude proposta pelo eu-lírico da canção de Miguel Marques.

As relações que se estabelecem entre “Sabe moço” e “O operário em construção” apresentam características sociais, uma vez que, nesses textos, são relatadas explorações e, posteriormente, uma tomada de consciência, fazendo denúncias de situações precárias vividas no campo, no caso do texto de Francisco Alves, e na cidade, conforme o poema de Vinícius de Moraes.

O lirismo presente na canção “Estiagem” e no poema “Duas almas” revela desejos de encontros, temperados por ofertas de aconchegos, seja por um mate ou pela “tepidéz de um ninho”, como proteção da “chuva [que] chegava até a calçada” ou da “neve [que] anda a branquear [...] a estrada”. Ao final, nos versos de Wamosy, “Há de ficar comigo uma saudade tua...”, tal como na canção de Ranoff, onde “De saudade o teu nome sussurrei”. A leitura desses textos produz uma reiteração de sentimentos, tal como fossem dois textos de uma mesma história, duas almas de uma mesma estiagem.

As análises aqui apresentadas partiram da proposta de revelar referências exteriores ao mundo gauchesco para salientar a universalidade que se encontram nas canções regionalistas. Dessa forma, diferente da tão comum monumentalização da figura do gaúcho conferida pelo tradicionalismo, arraigado e fechado no seu próprio bairro, procuramos mostrar valores mais amplos, levando o regionalismo para além da região.

### **Referências:**

ALVES, Francisco. Sabe moço. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/leopoldo-rassier/174084/>. Acessado em 20 ago 2021.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 44 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMÕES, Luis Vaz de. Alma minha gentil, que te partiste. Disponível em <https://www.citador.pt/poemas/alma-minha-gentil-que-te-partiste-luis-vaz-de-camoes>. Acessado em 25 ago 2021.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *In*: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 140-162.

CARVALHAL, Tania Franco. Literatura comparada. 4 ed. São Paulo: Ática, 1999.

CHIAPPINI, Ligia. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. *In*: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. 2: Emancipação do discurso. São Paulo: Memorial/Campinas: URCAMP, 1994. 3v. p. 665-702.

ESPANCA, Florbela. Anoitecer. *In*: ESPANCA, Florbela. *A mensageira das violetas*. Porto Alegre: L&PM, 2003. p. 42.

FERNANDES, Jairo “Lambari”. Flor madrugada. Disponível em <https://www.letras.mus.br/jairo-lambari-fernandes/1038127/>. Acessado em 11 ago 2021.

LUDMER, Josefina. *El género gauchesco: un tratado sobre la patria*. Buenos Aires: Libros Perfil, 2000.

MACHADO, Antonio. Caminante, no hay camino. Disponível em <https://dasculturas.com/2018/08/18/caminante-no-hay-camino-antonio-machado-ruiz/>. Acessado em 21 ago 2021.

MARQUES, Miguel. Reparando cercas. Disponível em <https://musicatradicionalista.com.br/musica/15162/letra-reparando-cercas.html>. Acessado em 21 ago 2021.

MASINA, Léa. Regionalismo étnico no Rio Grande do Sul: síntese de uma proposta conceitual. Disponível em [http://www.celpcyro.org.br/r4/Fronetiras\\_Culturais/Outras%20Fronteiras/OutrasFronteirasRegionalismoEtnico.htm](http://www.celpcyro.org.br/r4/Fronetiras_Culturais/Outras%20Fronteiras/OutrasFronteirasRegionalismoEtnico.htm). Acessado em 24 ago 2021.

MORAES, Vinícius de. O operário em construção. Disponível em <https://revistacaliban.net/o-oper%C3%A1rio-em-constru%C3%A7%C3%A3o-3c03b0a45ad4>. Acessado em 15 ago 2021.

MIGUEL-PEREIRA, Lucia. *Prosa de ficção* (de 1870 a 1920). 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1988.

RANOFF, Luiz Carlos. Estiagem. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/jairo-lambari-fernandes/1315673/>. Acessado em 14 ago 2021.

RIZZON, Carlos Garcia. Tempos e lugares do regionalismo. Disponível em <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/15.pdf>. Acessado em 21 ago 2021.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

VALLERIUS, Denise Mallmann. *Borges em nova tradução: regionalismo para além das fronteiras*. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

VELHO, Joaquim. Caminho agreste. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/jairo-lambari-fernandes/>. Acessado de 11 ago 2021.

WAMOSY, Alceu. Duas almas. Disponível em <https://www.escritas.org/pt/t/12515/duas-almas>. Acessado em 18 jul 2021.

**Canções e poemas**

<p><b>Caminho Agreste</b> <i>Joaquim Velho</i></p> <p>Por peregrino tenho a ânsia de estradear Caminhos largos, esperanças à lo léu Pedras e espinhos forjaram meu andejar Por vezes faltou-me chão, mas nunca faltou-me céu Pés calejados, em minh'alma um universo Cantando versos me tornei um menestrel Caminho agreste pra ganhar o pão Por vezes faltou-me chão, mas nunca faltou-me céu Por vezes faltou-me chão, mas nunca faltou-me céu Nunca fiquei preso ao chão Como um arraigado vive</p> <p>Pois vem do lá do céu a bênção E minhas asas me tornam livre Desde menino fui liberto em pensamento Pandorga ao vento, duas asas de papel Ganhei o mundo, deixei meu rincão Por vezes faltou-me chão, mas nunca faltou-me céu Sigo na estrada pra o sustento dos meus Junto de Deus, a quem sempre fui fiel Que com seu véu protege este cristão Por vezes faltou-me chão, mas nunca faltou-me céu</p>	<p><b>Caminante, no hay camino</b> <i>Antonio Machado</i></p> <p>Todo pasa y todo queda Pero lo nuestro es pasar Pasar haciendo caminos Caminos sobre la mar Nunca perseguí la gloria Ni dejar en la memoria De los hombres mi canción Yo amo los mundos sutiles Ingrávidos y gentiles Como pompas de jabón Me gusta verlos pintarse De sol y grana, volar Bajo el cielo azul, temblar Súbitamente y quebrarse Nunca perseguí la gloria Caminante, son tus huellas El camino y nada más Caminante, no hay camino Se hace camino al andar Al andar se hace camino Y al volver la vista atrás Se ve la senda que nunca Se ha de volver a pisar Caminante no hay camino Sino estelas en la mar Hace algún tiempo en ese lugar Donde hoy los bosques se visten de espinos Se oyó la voz de un poeta gritar Caminante no hay camino Se hace camino al andar Golpe a golpe, verso a verso Murió el poeta lejos del hogar Le cubre el polvo de un país vecino Al alejarse le vieron llorar Caminante no hay camino Se hace camino al andar Golpe a golpe, verso a verso Cuando el jilguero no puede cantar Cuando el poeta es un peregrino Cuando de nada nos sirve rezar (Caminante no hay camino Se hace camino al andar) Golpe a golpe, verso a verso Golpe a golpe, verso a verso Golpe a golpe, verso a verso</p>
<p><b>Flor madrugada</b> <i>Jairo Lambari Fernandes</i></p>	<p><b>Alma minha gentil, que te partiste</b> <i>Luís Vaz de Camões</i></p>

Noites grandes campos largos  
E um amargo pra os recuerdos  
Sombras grandes no arvoredo  
Luar bebendo canhar  
Onde a flor da madrugada, esperei por mais de  
ano  
Vem sorver meus desenganos num mate pra  
minha amada  
E a luz que vem lá do céu e traz envolta num  
véu  
Pra matear na noite calma  
Meus olhos buscam a ternura  
Da face morena e pura luzindo a paz da tua  
alma  
Mesmo num banco vazio  
Teus olhos claros de rio  
Trazem a paz que mereço por amar quem já  
partiu  
A saudade é como um frio que encaranga  
corpo e alma  
E quando vem nos traz a calma ao meu  
semblante sombrio  
E neste sonho acordado, te sinto flor  
madrugueira  
Abrindo as minhas porteiras pra afogar a  
solidão  
No silêncio do galpão  
Entre a paz do teu aceno  
Choram dois olhos morenos  
Pra dor de um só coração  
Naquela tarde sombria  
Eu sentia a dor de tantos  
Que plantam no campo santo  
Mais que um pedaço de si  
Me ajoelho pensando em ti  
Numa prece frente à cruz  
Que Deus te dê paz e luz  
E acalme um pouco meu pranto

E a luz que vem lá do céu e traz envolta num  
véu  
Pra matear na noite calma  
Meus olhos buscam a ternura  
Da face morena e pura luzindo a paz da tua  
alma  
Mesmo num banco vazio  
Teus olhos claros de rio  
Trazem a paz que mereço por amar quem já  
partiu  
A saudade é como um frio que encaranga  
corpo e alma  
E quando vem nos traz a calma ao meu  
semblante sombrio  
E neste sonho acordado, te sinto flor  
madrugueira

Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo desta vida descontente,  
Repousa lá no Céu eternamente  
E viva eu cá na terra sempre triste.  
Se lá no assento etéreo, onde subiste,  
Memória desta vida se consente,  
Não te esqueças daquele amor ardente  
Que já nos olhos meus tão puro viste.  
E se vires que pode merecer-te  
Alguma cousa a dor que me ficou  
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,  
Roga a Deus, que teus anos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
Quão cedo de meus olhos te levou.

<p>Abrindo as minhas porteiras pra afogar a solidão  No silêncio do galpão  Entre a paz do teu aceno  Choram dois olhos morenos  Pra dor de um só coração  Pra dor de um só coração</p>	
<p><b>Reparando Cercas</b>  <i>Miguel Marques</i></p> <p>Cevei meu mate de manhã bem cedo  Mas me deu medo de perder a hora  Calcei esporas e fui tentar a vida  Que por esquecida quase foi embora</p> <p>Recorri meus sonhos reparando cercas  Pra que não se percam os meus desatinos  Encontrei menino cheio de retovo  Fui sonhar de novo que esse é meu destino</p> <p>Tenho um coração pulsando no meu peito  Ritimando os passos do que percorri  E aos meus amigos as lembranças boas  De que fui feliz quando estive aqui</p> <p>Apartei as contas dos anseios gastos  E as lembranças tristes do que já sofri  Quero os meus abraços de abraçar lonjuras  E encontrar o rumo do qual me perdi</p> <p>Sei que a morte ronda as desesperanças  E que a sorte é a arma dos que não sonham mais  Eu não quero a vida feita de lembranças  Quero viver tudo o que deixei pra trás</p>	<p><b>Anoitecer</b>  <i>Florbela Espanca</i></p> <p>A luz desmaia num fulgor d'aurora,  Diz-nos adeus religiosamente...  E eu, que não creio em nada, sou mais crente  Do que em menina, um dia, o fui... outrora...</p> <p>Não sei o que em mim ri, o que em mim chora  Tenho bênçãos d'amor pra toda a gente!  Como eu sou pequenina e tão dolente  No amargo infinito desta hora!</p> <p>Horas tristes que são o meu rosário...  Ó minha cruz de tão pesado lenho!  Meu áspero e intérmino Calvário!</p> <p>E a esta hora tudo em mim revive:  Saudades de saudades que não tenho...  Sonhos que são os sonhos dos que eu tive...</p>
<p><b>Sabe moço</b>  <i>Francisco Alves</i></p> <p>Sabe, moço  Que no meio do alvoroço  Tive um lenço no pescoço  Que foi bandeira pra mim  Que andei em mil peleias  Em lutas brutas e feias  Desde o começo até o fim  Sabe, moço  Depois das revoluções  Vi esbanjarem brasões  Pra caudilhos coronéis  Vi cintilarem anéis  Assinatura em papéis  Honorarias para heróis  É duro, moço  Olhar agora pra história</p>	<p><b>O operário em construção</b>  <i>Vinícius de Moraes</i></p> <p>Era ele que erguia casas  Onde antes só havia chão.  Como um pássaro sem asas  Ele subia com as casas  Que lhe brotavam da mão.  Mas tudo desconhecia  De sua grande missão:  Não sabia, por exemplo  Que a casa de um homem é um templo  Um templo sem religião  Como tampouco sabia  Que a casa que ele fazia  Sendo a sua liberdade  Era a sua escravidão.</p> <p>De fato, como podia</p>

E ver páginas de glórias  
E retratos de imortais  
Sabe, moço  
Fui guerreiro como tantos  
Que andaram nos quatro cantos  
Sempre seguindo um clarim  
E o que restou?  
Ah, sim!  
No peito em vez de medalhas  
Cicatrizes de batalhas  
Foi o que sobrou pra mim

Um operário em construção  
Compreender por que um tijolo  
Valia mais do que um pão?  
Tijolos ele empilhava  
Com pá, cimento e esquadria  
Quanto ao pão, ele o comia...  
Mas fosse comer tijolo!  
E assim o operário ia  
Com suor e com cimento  
Erguendo uma casa aqui  
Adiante um apartamento  
Além uma igreja, à frente  
Um quartel e uma prisão:  
Prisão de que sofreria  
Não fosse, eventualmente  
Um operário em construção.

Mas ele desconhecia  
Esse fato extraordinário:  
Que o operário faz a coisa  
E a coisa faz o operário.  
De forma que, certo dia  
À mesa, ao cortar o pão  
O operário foi tomado  
De uma súbita emoção  
Ao constatar assombrado  
Que tudo naquela mesa  
- Garrafa, prato, facão -  
Era ele quem os fazia  
Ele, um humilde operário,  
Um operário em construção.  
Olhou em torno: gamela  
Banco, enxerga, caldeirão  
Vidro, parede, janela  
Casa, cidade, nação!  
Tudo, tudo o que existia  
Era ele quem o fazia  
Ele, um humilde operário  
Um operário que sabia  
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento  
Não sabereis nunca o quanto  
Aquele humilde operário  
Soube naquele momento!  
Naquela casa vazia  
Que ele mesmo levantara  
Um mundo novo nascia.  
De que sequer suspeitava.  
O operário emocionado  
Olhou sua própria mão  
Sua rude mão de operário  
De operário em construção  
E olhando bem para ela  
Teve um segundo a impressão



De que não havia no mundo  
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão  
Desse instante solitário  
Que, tal sua construção  
Cresceu também o operário.  
Cresceu em alto e profundo  
Em largo e no coração  
E como tudo que cresce  
Ele não cresceu em vão  
Pois além do que sabia  
- Exercer a profissão -  
O operário adquiriu  
Uma nova dimensão:  
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu  
Que a todos admirava:  
O que o operário dizia  
Outro operário escutava.

E foi assim que o operário  
Do edifício em construção  
Que sempre dizia sim  
Começou a dizer não.  
E aprendeu a notar coisas  
A que não dava atenção:

Notou que sua marmita  
Era o prato do patrão  
Que sua cerveja preta  
Era o uísque do patrão  
Que seu macacão de zuarte  
Era o terno do patrão  
Que o casebre onde morava  
Era a mansão do patrão  
Que seus dois pés andarilhos  
Eram as rodas do patrão  
Que a dureza do seu dia  
Era a noite do patrão  
Que sua imensa fadiga  
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!  
E o operário fez-se forte  
Na sua resolução.

Como era de se esperar  
As bocas da delação  
Começaram a dizer coisas  
Aos ouvidos do patrão.  
Mas o patrão não queria  
Nenhuma preocupação  
- "Convençam-no" do contrário -

Disse ele sobre o operário  
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário  
Ao sair da construção  
Viu-se súbito cercado  
Dos homens da delação  
E sofreu, por destinado  
Sua primeira agressão.  
Teve seu rosto cuspidado  
Teve seu braço quebrado  
Mas quando foi perguntado  
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário  
Sua primeira agressão  
Muitas outras se seguiram  
Muitas outras seguirão.  
Porém, por imprescindível  
Ao edifício em construção  
Seu trabalho prosseguia  
E todo o seu sofrimento  
Misturava-se ao cimento  
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência  
Não dobraria o operário  
Um dia tentou o patrão  
Dobrá-lo de modo vário.  
De sorte que o foi levando  
Ao alto da construção  
E num momento de tempo  
Mostrou-lhe toda a região  
E apontando-a ao operário  
Fez-lhe esta declaração:  
- Dar-te-ei todo esse poder  
E a sua satisfação  
Porque a mim me foi entregue  
E dou-o a quem bem quiser.  
Dou-te tempo de lazer  
Dou-te tempo de mulher.  
Portanto, tudo o que vês  
Será teu se me adorares  
E, ainda mais, se abandonares  
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário  
Que olhava e que refletia  
Mas o que via o operário  
O patrão nunca veria.  
O operário via as casas  
E dentro das estruturas  
Via coisas, objetos  
Produtos, manufaturas.  
Via tudo o que fazia

	<p>O lucro do seu patrão E em cada coisa que via Misteriosamente havia A marca de sua mão. E o operário disse: Não!</p> <p>- Loucura! - gritou o patrão Não vês o que te dou eu? - Mentira! - disse o operário Não podes dar-me o que é meu.</p> <p>E um grande silêncio fez-se Dentro do seu coração Um silêncio de martírios Um silêncio de prisão. Um silêncio povoado De pedidos de perdão Um silêncio apavorado Com o medo em solidão.</p> <p>Um silêncio de torturas E gritos de maldição Um silêncio de fraturas A se arrastarem no chão. E o operário ouviu a voz De todos os seus irmãos Os seus irmãos que morreram Por outros que viverão. Uma esperança sincera Cresceu no seu coração E dentro da tarde mansa Agigantou-se a razão De um homem pobre e esquecido Razão porém que fizera Em operário construído O operário em construção.</p>
<p><b>Estiagem</b> <i>Luiz Carlos Ranoff</i></p> <p>Tocava no rádio uma canção Dessas que a gente até para pra escutar A voz suave tinha encantos Pois pra falar de campo não requer gritar A chuva chegava até a calçada Você quase molhada pediu pra entrar... Tomou um mate Descontraída Falou da vida Até a chuva passar Desprevenido Molhou meus planos Regou meus sonhos De te amar</p>	<p><b>Duas Almas</b> <i>Alceu Wamosy</i></p> <p style="text-align: right;">A Coelho da Costa</p> <p>Ó tu, que vens de longe, ó tu, que vens cansada, entra, e, sob este teto encontrarás carinho: Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho, vives sozinha sempre, e nunca foste amada...</p> <p>A neve anda a branquear, lividamente, a estrada, e a minha alcova tem a tepidez de um ninho. Entra, ao menos até que as curvas do caminho se banhem no esplendor nascente da alvorada.</p> <p>E amanhã, quando a luz do sol dourar, radiosa,</p>

<p>Passou a chuva Veio o sol mas não secou A minha alma encharcada de esperança Ligo radio Faço versos Milongueio Mas só te encontro Nas curvas da lembrança Espero a chuva Feito um rio Meu peito é canto Bem estio Outro dia, junto ao vidro da janela De saudade o teu nome sussurrei Por momento a silhueta do teu rosto Na vidraça da janela vislumbrei Se a terra ressecada espera a chuva Caindo feita estrelas pelo chão Pra mim cada pingo é diamante Brilhando na palma da minha mão</p>	<p>essa estrada sem fim, deserta, imensa e nua, podes partir de novo, ó nômade formosa!</p> <p>Já não serei tão só, nem irás tão sozinha: Há de ficar comigo uma saudade tua... Hás de levar contigo uma saudade minha...</p>
--	---